

INFORME LARI

CONJUNTURA INTERNACIONAL
SOBRE

OS 2 ANOS DE COVID-19



15ª Edição – Março de 2022



O

Informe LARI é
produzido pelo Programa
de Educação Tutorial de
Relações Internacionais
da Universidade de
Brasília

Tutor:

Thiago Gehre Galvão

Membros:

Ana Beatriz Zanuni
Ana Luísa Vitali
Ana Luiza Flores Dias
Bruna Affonso Ferreira Maciel
Camila Lorena Gomes de Jesus
Celso Antônio Coelho Júnior
Henrique Oliveira da Motta
Jales Caur
Mariana Correa Nascimento
Natália de Souza Gráss
Vinicius Nunes Aguiar
Yara Resende Marangoni Martinelli

Edição:

Ana Beatriz Zanuni
Ana Luisa Vitali
Camila Lorena Gomes de Jesus
Jales Caur
Vinicius Nunes Aguiar



O Laboratório de Análise das Relações Internacionais

O LARI, como chamamos o Laboratório de Análise das Relações Internacionais, é um evento que acontece semestralmente e tem como objetivo observar em grupo a conjuntura internacional e discutir sobre possíveis cenários futuros, como uma forma de desenvolver a capacidade de interpretar os fatos e elaborar uma sequência lógica de possibilidades sobre eles.

Os membros do PET-REL discutem previamente temas relevantes no cenário internacional e escolhem qual será o mais interessante e produtivo. Após a pesquisa extensa sobre o assunto, divulgamos um breve

resumo dos fatos e interpretações para os interessados, o que objetiva contribuir para sua participação nos debates.

Após o LARI, todos são convidados a elaborarem sua análise de conjuntura, um documento em que cada interessado desenvolve uma breve introdução do assunto e desenvolve suas visões sobre os vários cenários que entende possíveis. Nessa fase, os membros do PET se dispõem a colaborar com qualquer assunto ou dúvida, incentivando os participantes do LARI que se interessem a elaborarem sua própria análise, que pode ser publicada no nosso boletim.

Os dois anos de pandemia

A doença causada pela Sars-Cov-2 foi rastreada pela primeira vez meados do último trimestre de 2019 na China, ganhando atenção global com a medida de quarentena imposta pelo governo chinês na cidade de Wuhan, na província de Hubei, no dia 22 de janeiro de 2020 (CIDADE..., 2020). O surto da doença, que pode evoluir à síndrome respiratória aguda grave e outras complicações não conhecidas pelo pouco período de pesquisa até então, foi declarada como uma emergência internacional de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde no dia 30 de janeiro de 2020 (WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2020a). Após se espalhar por todos os continentes e em decorrência da grande pressão internacional causado pela alta exponencial de casos, a Covid-19 (*Coronavirus Disease 2019*) foi

declarada no dia 11 de março de 2020, acarretando uma série de confinamentos impostos por governos de todo o mundo (WHO, 2020b).

Foi a primeira pandemia severa desde a gripe causada pela Influenza H1N1 em 1918. A gripe, conhecida como “Gripe Espanhola”, tem suas mortes estimadas na escala de 50 milhões entre 1918 e 1920 (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION [CDC], 2019). Houve endemias graves durante esse período, como a da varíola, ebola, SARS e MERS — também causados por vírus da família *Coronaviridae*, assim como a pandemia de H1N1 durante 2009 e 2010. No entanto, a falta de conhecimento sobre a classe do coronavírus já era um fato conhecido pelas endemias de SARS e MERS que atingiram a Ásia e o Oriente Médio nos últimos 20 anos (NATIONAL INSTITUTE OF ALLERGY



AND INFECTIOUS DISEASES [NIH], 2021), levando ao não preparo generalizado quanto aos tratamentos e às medidas de isolamento.

Os primeiros desafios encontrados foram na área de saúde. O uso de máscaras passou a ser obrigatório como medida de prevenção, assim como ao não contato com superfícies. Isso levou a um desabastecimento de insumos médicos e equipamentos de proteção individuais para os profissionais de saúde (FERNANDES, 2020; LISTER; SHUKLA; BOBILLE, 2020; SEVILLANO, 2020). Devido ao caráter de agravamento respiratório, a necessidade por ventiladores pulmonares mecânicos — os famosos “respiradores” — se fizeram necessário, e, quando a demanda é grande a oferta continua a mesma, há a falta do produto no mercado.

Essa falta levou ao primeiro grande impacto internacional com o episódio da proibição e extravio de exportações desses insumos pelos Estados Unidos, até então governado pelo republicano Donald Trump. Ele impediu empresas de exportarem produtos para fora dos Estados Unidos além de ter passado por cima de negociação de ventiladores mecânicos que viriam para estados brasileiros para poder abastecer o sistema de saúde estadunidense. Isso se mostrou um grande retrocesso do ambiente de cooperação e de respeito aos negócios de países soberanos, mostrando a pandemia como uma possível ameaça de retorno aos primórdios de sobrevivência e de disputa por recursos das nações (CAUR, 2020).

Economicamente, o mundo se adaptou como pôde. Mas os sinais foram sentidos conforme a ameaça se alastrou pelo mundo. Mesmo com a adaptação ao formato digital, muitas posições de emprego foram extintas, aumentando a pobreza e a fome ao redor do

mundo. Isso levou ao próximo grande desafio, que era a produção de uma vacina contra a doença (BALL, 2020). A iniciativa mobilizou diversas iniciativas, públicas e privadas, nas pesquisas para refinar os estudos já existentes na tentativa de criar uma vacina contra a classe de coronavírus — iniciados durante as endemias de SARS e MERS. Estima-se que a rede de cooperação e compartilhamento de informações, aliada com as novas tecnologias e aos estudos já existentes, e, ainda por cima, o grande financiamento, tenha resultado na formulação de vacinas seguras e eficazes em menos de um ano de pesquisa.

A vacina, no entanto, ficou restrita aos países mais ricos. O novo desafio se mostrou na vacinação desproporcional das pessoas ao redor do globo, que acarreta diferentes cenários de infecção, morte e suporte médico ao redor do mundo (COVID..., 2021). Essa vacinação desproporcional também contribuiu para o surgimento de novas variantes, conforme a exposição entre pessoas vacinadas e não vacinadas aumenta. No final de 2021, a variante mais transmissível foi identificada, a Ômicron, levando todo o globo a uma nova onda da doença, com mais contaminações devido a maior transmissibilidade dessa variante (XU; LIU; GAO, 2022). A vacinação mostrou sua eficácia impedindo a evolução dos casos graves e, conseqüentemente, das mortes. Porém, o sistema de saúde ainda foi bastante afetado pela superlotação — majoritariamente de pessoas não vacinadas.

A adesão para a vacinação se mostrou um grande problema, acentuado com a possibilidade de se criar um passaporte vacinal, levantando um grande debate sobre liberdade de escolha e bem-estar e responsabilidade coletiva para com o bem sanitário. Notícias falsas e desinformação foram uma arma

importante utilizada não somente por grupos anti vacinas, como também por grupos políticos que buscaram ganhar politicamente com a pandemia, com maior exemplo nos Estados Unidos (VITALI, 2021). A narrativa de que a pandemia havia sido uma invenção chinesa, assim como a vacina era algum tipo de arma química a ser usada em escala global, rapidamente ganhou o público seja mais inclinado a esse discurso como aquelas vítimas do medo em relação à pandemia — algo desconhecido para a população em geral.

O mundo precisou se adaptar e adiar diversos eventos, no entanto, o que as instituições internacionais aprenderam durante esses dois anos de pandemia? Estaríamos prontos para lidar com as doenças virulentas de forma adequada, com planejamento e investimento no monitoramento de cepas com capacidades endêmicas? Sociedades no mundo responderam de maneiras diferentes à pandemia e obtiveram resultados diferentes, o que se pode aprender delas?

Impactos da pandemia na economia e política global

Como mencionado anteriormente, o evento epidemiológico se deu em escala global. Desse modo, gerou repercussões e impactos nos âmbitos sociais, econômicos, políticos e culturais também em nível internacional. Logo no cenário inicial da pandemia de COVID-19, a necessidade de isolamento físico e contenção da mobilidade social impactou diretamente na cadeia de sustentação econômica de todo sistema financeiro e produtivo mundial (FIOCRUZ, [2020?]). Junto disso, no Brasil, por exemplo, o primeiro ano do ciclo epidêmico teve impacto direto nas contas públicas, devido ao aumento de despesas e

medidas fiscais adotadas para mitigar os efeitos da pandemia. Além disso, desde então, há impacto indireto sobre toda a economia, tanto brasileira quanto global, pois afeta negativamente a atividade econômica e a arrecadação de impostos pelos governos, por exemplo (LEVY; FERREIRA; MARTINS, 2021). Ademais, a pandemia contribuiu para uma queda de aproximadamente 4% do produto interno bruto (PIB) brasileiro. Enquanto isso, globalmente, a taxa de crescimento foi de -3.3% e o comércio exterior teve uma estimativa de 5,3% de redução em 2020 (JACKSON et al., 2021; WORLD BANK, 2020).

Além disso, é necessário pontuar que as populações mais vulneráveis são as que mais sofrem com o choque econômico. De acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), a pandemia provocou o maior aumento da pobreza no mundo desde 1998, alinhado também ao aumento das taxas de desemprego e de insegurança alimentar (UNCTAD..., 2020). Avaliações indicam que entre 65 e 75 milhões de pessoas entraram na zona de extrema pobreza apenas em 2020, e mais 80 milhões subnutridas, em comparação com os níveis pré-pandêmicos (JACKSON et al., 2021).

Em termos políticos, os maiores impactos são resultantes de estratégias e medidas adotadas pelos governos para a contenção da pandemia ao longo dos últimos dois anos. Países em que a abordagem foi mais rígida e em prol da saúde pública, como é o caso de países como Alemanha e Nova Zelândia, encontraram um cenário político mais estável e a consolidação de uma imagem mais positiva, tanto doméstica quanto internacionalmente (GLOBAL..., 2021).

Por outro lado, governos que demoraram mais para agir e/ou tratavam o vírus com mais desdém encontraram o cenário

oposto. Se levarmos em consideração países como Estados Unidos, Brasil e Reino Unido, por exemplo, é possível perceber uma imagem internacional mais desgastada, sendo citados como destaque negativo no combate ao coronavírus por mídias e autoridades mundiais, além de apresentarem consequências prejudiciais para seus respectivos líderes, internamente (GLOBAL..., 2021). Nos EUA, Donald Trump não conquistou sua reeleição nas eleições de 2020; no Brasil, Jair Bolsonaro tem desaprovação popular de mais de 60% (VIEIRA, 2022); e no Reino Unido, Boris Johnson enfrenta pressão para renunciar ao cargo de Primeiro-Ministro, após ser flagrado desrespeitando suas próprias medidas de isolamento durante a pandemia (BORIS..., 2022).

Além disso, um caso mais particular é o chinês. País de origem dos primeiros casos de infecção por Sars-Cov-2, a China sofreu com fortes impactos políticos nos primeiros meses de pandemia. Entretanto, devido a sua capacidade política e econômica, além de seu rígido controle interno, foi capaz de conter o vírus de modo mais efetivo, comparativamente. Ainda, aproveitou do contexto para exercitar a chamada “diplomacia da vacina” ao oferecerem imunizantes e outros dispositivos médicos, além de apoio econômico, a países mais fragilizados e, assim, ganhar influência na região.

Considerando um cenário pós-pandêmico e de possível recuperação econômica, apenas o surgimento da vacina contra COVID-19 e o avanço de sua cobertura ao longo de 2021 não foi o suficiente para uma retomada aos níveis de crescimento econômico pré-pandemia, como já era previsto (UNCTAD..., 2020). De acordo com projeções, as principais economias do mundo

devem operar abaixo de seu potencial de produção até 2024. Ainda, por mais que a desaceleração econômica tenha ocorrido de modo mais homogêneo ao redor do mundo, sua retomada acontece em duas circunstâncias diferentes: (1) um ritmo de recuperação paulatina em economias desenvolvidas, onde as taxas de vacinação são altas; e (2) um ritmo mais lento nas economias em desenvolvimento, principalmente onde as taxas de vacinação estão baixas (JACKSON et al., 2021). Por fim, ainda é válido mencionar que nações que adotam estímulos fiscais para apoiar a população indicam melhor recuperação da economia, como se tornou mais evidente entre os países da América Latina (COTA, 2021).

Fake News, negacionismo e movimentos anti ciência

Com o surgimento e rápida transmissão da COVID-19 e seu rápido avanço, uma grande onda de informações — também chamada de “infodemia” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE [OPAS], 2020); (GALLOTTI et al., 2020) — a respeito do vírus circularam por todo o mundo, e, no Brasil, quanto a esse aspecto, não foi diferente. Dois pontos significativos, e que talvez tenham sido os maiores divisores na maneira que o vírus foi — e tem sido — tratado no país, foram as *fake news*, que conseguiram ganhar mais espaço com a infodemia, e a forte politização ao redor do vírus e de suas medidas de contenção.

O fenômeno da infodemia fez com que se tornasse mais difícil filtrar informações corretas de outras tendenciosas, e serviu como plataforma para que grupos conspiratórios, com discursos negacionistas e contrários ao que era afirmado pela ciência, acendessem e



alcançassem mais pessoas com seus discursos e (des)informações. Essa ascensão e maior alcance desses grupos atrapalhou de modo considerável o combate à pandemia ao promover soluções milagrosas, remédios ineficazes e a descredibilização de profissionais e especialistas na área, confundindo a população e tornando árdua a tarefa de informar e orientar a sociedade corretamente.

A alta politização do vírus contribuiu ainda mais para que esse combate à pandemia fosse impactado negativamente, uma vez que essa politização atingiu de forma direta as medidas de contenção recomendadas pela ciência e auxiliou a promover discursos negacionista e medidas de contenção e tratamentos ineficazes, desencorajando a população a se cuidar adequadamente e tornando mais difícil para que as pessoas pudessem ter acesso à recomendações fundamentadas na ciência e que realmente ajudariam a lidar com a pandemia no país de modo eficiente.

No contexto atual, onde o Brasil ainda busca retomar a uma maior normalidade, é de extrema importância entender como, por quê e quais atores agiram de forma ágil e eficaz para buscar conter a transmissão da COVID-19, que até o final de fevereiro de 2022 havia matado mais de 649.000 pessoas em território nacional, e quais seguiram a outra via, promovendo notícias falsas, incentivando o uso de medicamentos ineficazes, desrespeitando vítimas e familiares e atrapalhando o acesso à medidas recomendadas cientificamente.

A tendência é que, ao menos no curto prazo, essa onda de negativismo e discursos anticiência, motivados especialmente por posicionamentos políticos, perca a força frente ao fato de que o principal alvo de notícias falsas e teorias conspiratórias, as vacinas (TIENGO, 2021), tem se mostrado seguras e eficientes, e a

população, mesmo guiada por certos receios causados pela disseminação de *fake news* por parte desses grupos, têm buscado pontos de vacinação para se proteger da forma mais grave da doença, o que é comprovado ao analisar a cobertura vacinal no país que, até o momento de escrita deste, apontava que 72,8% da população residente no Brasil já estava totalmente vacinada (OUR WORLD IN DATA, 2022).

De acordo com a empresa de tecnologia e dados *Bloomberg*, que analisou 53 países, o país que melhor conseguiu enfrentar a pandemia foi a Nova Zelândia (CHANG; TAM, 2020), que, apesar de também ter sofrido com *fake news* e ter lidado com teorias da conspiração a respeito do vírus (TOD, 2020), conseguiu contornar satisfatoriamente essas questões. Com o governo tomando rápidas medidas para conter a transmissão do vírus em território neozelandês, fechando, por exemplo, suas fronteiras e adotando programas de rastreamento de casos e testes em massa para a população, o país conseguiu obter um maior controle sobre a transmissão do vírus. O Brasil, por sua vez, ficou em 37º lugar na lista, e, além de ter adotado apenas parcialmente medidas de contenção para controlar a disseminação do vírus, ainda precisou lidar com a ausência de políticas públicas de contenção eficazes, membros públicos do governo as boicotando, promovendo aglomerações e compartilhando, a nível nacional, notícias e informações falsas a respeito do vírus e das vacinações.

É inegável que fatores como população e extensão territorial menores e maior índice de qualidade de vida foram fatores consideráveis para que o combate à pandemia na Nova Zelândia fosse mais bem sucedido que no Brasil, mas não se pode ignorar o peso que (in)ações de representantes do Estado e de grupos negacionistas e anticiência tiveram



nesse momento. Mesmo com esses desafios, o Brasil tem conseguido ultrapassar a barreira imposta pelos movimentos negacionistas e reduzir as taxas de óbito causadas pela COVID-19, muito por conta da tradição e capacidade vacinal que o país construiu nas últimas décadas ao longo de grande parte do país.

No que tange o combate e orientação da comunidade internacional frente essa questão, organizações internacionais, como a OMS, buscam frequentemente alertar sobre os perigos de informações falsas, sejam elas relativizando a gravidade do vírus (ONU, 2020), sejam elas questionando a segurança das vacinas, sua composição e/ou seus possíveis efeitos colaterais graves não comprovados. Organizações como a OMS ainda buscaram ressaltar, durante esse período, a importância de fazer com que informações corretas e divulgadas por fontes seguras e medidas comprovadamente eficazes alcançassem o maior número de pessoas possível, solicitando que lideranças ao redor do mundo orientassem suas populações a seguir aquilo que é recomendado e comprovado pela ciência.

As agendas interseccionais da Covid-19

Sem dúvidas, a COVID-19 impactou a vida de todos os indivíduos nestes últimos dois anos. Contudo, o impacto não foi sentido na mesma proporção por todos. Isso é facilmente visto em recortes mais básicos, como comparar países ricos – que possuíam sistema de saúde mais preparado, como os Estados Unidos – com países pobres – como o Sudão do Sul, um país de 11 milhões de pessoas que em abril de 2020 possuía mais vice-presidentes (cinco) do que

respiradores (quatro) (MACLEAN, MARKS, 2020).

Desse modo, é mais que importante questionar interseccionalidades. Será que o coronavírus teve o mesmo efeito entre homens e mulheres? Pessoas brancas e pessoas não brancas? Pessoas com trabalhos que foram facilmente movidos para o *home-office* e pessoas que trabalham informalmente? Ademais, como foi lidar com a COVID-19 em países sem conflito, ao passo que diversas guerras civis ocorriam concomitantemente à pandemia?

Portanto, hoje não é possível fazer uma análise sobre o tema sem considerar tais intersecções, pois mesmo que a pandemia tenha tido efeito avassalador pelo planeta inteiro, este não chegou nem perto de ser distribuído igualmente. Ainda, o mais relevante é considerar que estas questões serão agravadas nos próximos meses, visto que enquanto parte do mundo retorna ao "novo normal" com doses de reforço, há países que sequer chegaram perto dos 10% de vacinados com a primeira dose. Esta rápida seção irá focar em duas interseccionalidades: renda e participação ou não participação em conflitos ativos. Contudo, faz-se necessário dizer que há muito mais temas a serem abordados, conforme foi sugerido acima: gênero, raça, relações trabalhistas, questões climáticas e regionalidades.

Renda

Desigualdades – econômicas, políticas, tecnológicas e intergeracionais - já desafiavam as sociedades antes mesmo que as disparidades de renda aumentassem durante a pandemia, que causou milhares de pessoas a ficarem desempregadas. Essas disparidades irão alargar-se ainda mais: de acordo com o Banco Mundial (2021), os 20% mais ricos da população mundial recuperaram metade de



suas perdas em 2021, enquanto os 20% mais pobres perderam 5% a mais de sua renda. Em 2030, 51 milhões a mais do que o atual estão projetadas para viver em condições de extrema pobreza em comparação com as tendências pré-pandêmicas (DOOLEY, KHARAS, 2021). Assim, fica claro como não se pode realizar análise acerca dos impactos da COVID-19 sem antes considerar desigualdades de renda tanto dentro de países quanto entre eles.

Participação ou não participação em conflitos ativos

A maneira com que países que não estão em conflito ativo lidam com a pandemia comparada com os que estão é extremamente distinta. Vários fatores podem ser considerados para explicar esta disparidade: em cenários belicosos, há pouco ou nenhum acesso à saúde, educação, segurança em geral. Ainda, grupos beligerantes muitas vezes dominam acesso à cidades ou controlam o fluxo entre rodovias, impedindo o acesso de vacinas, remédios entre outros para a população, seja esse acesso feito pelo governo ou por instituições humanitárias. Um outro impacto direto de conflitos é a migração. Com as fronteiras fechadas ou com impedimentos de locomoção entre Estados, há maior pressão nas cidades fronteiriças e maior aglomeração de pessoas sem condições mínimas de sobrevivência. Assim, o espaço é propício para proliferação do vírus, e pessoas refugiadas muitas vezes estão sem documentação, o que causa dificuldades na aplicação e monitoramento da vacinação, por exemplo.

Ocidente x Não Ocidente: diferentes enfrentamentos da pandemia

Se algo fica claro após dois anos da emergência da crise do COVID-19, é que esta não será uma situação conjuntural e passageira. A COVID-19 não será o último incidente pandêmico e a Ômicron não será a última de suas variantes. A ameaça permanente de novas crises sanitárias modificará a ordem global de maneira estrutural. Ou pelo menos, era o que se esperava.

Uma ação coordenada global, única solução possível para um rápido controle sanitário e para evitar o surgimento de novas variantes, falhou em acontecer. Os países ocidentais, principais fabricantes de vacinas, não as distribuíram igualitariamente. A demora em vacinar as populações do Sul Global e a falta de uma ação unificada tornou suas populações cobaias de medicamentos e métodos sem comprovação científica, como a imunidade de rebanho em Manaus, ou a injeção de cloro na Bolívia, bem como transformou regiões inteiras em criadouros de novas variantes.

No Ocidente, os desafios sanitários estão intimamente relacionados às questões filosóficas, morais e ideológicas que dão sustentação ao sistema democrático liberal e ao capitalismo neoliberal. O que deve ser priorizado, a liberdade individual ou o bem-estar coletivo? Os movimentos antivacina devem ser suprimidos ou aceitos como discursos integrantes da liberdade de expressão? As narrativas anti científicas propagadas nas redes sociais devem ser reguladas? Se sim, por quem, pelo Estado ou por comprometimento das próprias empresas? Na China, um estado forte conseguiu quarentenar dezenas de milhões de pessoas, combinando disciplina militar com uma variedade de técnicas de monitoramento de seus cidadãos (HUANG, 2022). Constatada a



efetividade de tal planejamento, é possível justificá-lo?

As falhas de distribuição de equipamentos essenciais, como respiradores, cilindros de oxigênio, máscaras, vacinas e medicamentos causaram uma onda inédita de questionamentos aos mecanismos do livre mercado. Em uma coluna publicada pelo jornal *The Daily Telegraph*, Bill Gates afirma: “Acredito muito no capitalismo - mas alguns mercados simplesmente não funcionam adequadamente em uma pandemia, e o mercado de suprimentos que salvam vidas é um exemplo óbvio” (NUKI, 2020). Nos Estados Unidos, Trump utilizou poderes de guerra para intervir na produção de produtos médicos essenciais, algo até então inimaginável em um governo republicano (WEBER, 2020).

Nos países ocidentais, a pandemia trouxe à tona o permanente problema da xenofobia e conflitos raciais. Nos EUA, crimes racialmente motivados contra asiáticos aumentaram em 339% (YAM, 2022), e movimentos como o Black Lives Matter, realizado em condições pandêmicas, demonstraram que o risco de um não-branco ser internado com COVID-19 em relação um branco (mais de 2x mais provável) (CDC, 2020), só pode ser rivalizado com o risco de ser morto pela polícia. Nos Estados Unidos, assim como na Europa, populações racializadas e imigrantes componentes das categorias de trabalho terceirizadas e precarizadas, questionaram se a liberdade ocidental de poder escolher fazer ou não lockdown na verdade não era a liberdade de escolher entre morrer de fome ou se sujeitar à um vírus mortal.

Longe de uma solidariedade global, ou de “estarmos todos no mesmo barco”, a pandemia catalisou antigos conflitos sociais e geopolíticos, e para além dos modelos

cientificamente comprovados, se tornou uma disputa global de visões sobre o futuro desejado, com princípios morais rivais sendo utilizados como granadas metafísicas (AUTHERS, 2020). O fato de podermos analisar como cada país tentou e tenta combater a propagação do patógeno exemplifica as desigualdades e disparidades econômicas, sociais e institucionais entre as populações, mas também pode explicar o fracasso da contenção. Nos primeiros meses de alastro do COVID-19, e após anos de aviso dos principais cientistas e epidemiologistas, ficou claro que a comunidade internacional não estava preparada para a emergência de uma doença mundial. Após dois anos de luta, podemos dizer que estamos? Existe um plano definitivo a ser seguido? Sabemos como enfrentaremos as próximas pandemias, bem como outras crises que demandam cooperação global, em especial a climática? Países diferentes tiveram respostas de contenção divergentes, e a questão de qual delas deverá servir como um modelo futuro permanece controversável.

Conclusão: e os aprendizados?

A pandemia, como qualquer outro evento de escala global, está causando mudanças na forma que os países e os povos se relacionam entre si e com os outros. Vimos que o conhecimento prático é pouco aplicado com a associação do novo vírus aos chineses e a grande onda de xenofobia contra os asiáticos em geral, além do uso indevido de remédios e soluções ditas como mágicas compartilhadas através da desinformação que empoderou diversos grupos políticos, sociais e econômicos durante os últimos dois anos.

Cada ação e reação deveria servir como um aprendizado se considerarmos que cientistas apontam que a realidade endêmica deve se tornar mais comum nas próximas décadas em decorrência às alterações climáticas e aos danos causados ao meio ambiente — ambos fatores de contato entre animais e seres humanos e doenças antes não compartilhadas pela distância de habitat entre os dois seres vivos (MARTINELLI, 2021). Quando a pandemia foi declarada, vimos um mundo sem preparo algum para lidar com tal evento que antes parecia pertencer somente aos livros de história, tornando-se uma demanda urgente aos organismos internacionais de cooperação do escopo ONU.

A cooperação, sem dúvidas, será a que sairá fortalecida, em tese, da pandemia. No entanto, certas ocasionalidades, como as notícias falsas, a desinformação e a adesão e promoção da anticiência, ao nacionalismo que ressurge ocasionando políticas radicais e comportamentos belicosos, a ascensão de ameaças que tinham sido superadas e que, alinhadas à doença que ao que tudo indica se tornará sazonal, estão caminhando para desestabilizar as relações entre nações como somente se visto na história.

Cabe, portanto, impedir que os fantasmas passados acabem por se tornarem mais atrativos do que os aprendizados e experiências reais do presente. Espera-se que a ação de cooperar e dialogar se mostre como a saída para impedir que retornemos a um estado de natureza na qual a sobrevivência é o nosso único objetivo.

Questões motivadoras

- O que se espera dos próximos dois anos com base nos dois anos já vividos?
- As Relações Internacionais, enquanto disciplina, poderá ser melhor moldada a partir das perspectivas de sobrevivência e cooperação?
- As relações internacionais, enquanto processo de relação entre nações diferentes, será mais fácil ou mais difícil após os obstáculos enfrentados pela pandemia?
- Como a internet contribuiu e atrapalhou para com o combate da pandemia de COVID-19?
- A partir do ponto de vista teórico, o que se pode extrair do comportamento das diferentes regiões do globo quanto ao combate e ao comportamento coletivo à COVID-19?
- Alguns países tiveram mais sucessos que outros, por quê?
- Como que a ideia de liberdade pode ajudar e atrapalhar o enfrentamento à COVID-19 e outras ameaças sociais?
- Quais são os traços do imperialismo ainda vistos na questão da pandemia?
- O mundo conseguirá minimizar os impactos da pandemia nas questões de renda e emprego até 2030?
- Qual foi o papel das nações tidas como desenvolvidas no combate ao vírus? E o papel das tidas como não desenvolvidas?
- De que forma a conjuntura política do mundo na década de 2010 influenciou a forma como o Brasil enfrenta a pandemia?
- O que se pode esperar da economia e da política nos próximos anos?
- De que forma as medidas de contenção da COVID-19 e do impacto econômico poderiam ter sido melhor implementadas no Brasil?

Referências

AUTHERS, J. The Golden Rule Is Dying of Covid-19. **Bloomberg**, 31 mai. 2020.

Disponível em:

<https://finance.yahoo.com/news/golden-rule-dying-covid-19-040107765.html> Acesso em: 02 mar. 2022

BALL, P. The lightning-fast quest for COVID vaccines — and what it means for other diseases. **Nature**, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-03626-1>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BORIS Johnson: ministros se reúnem em torno do premiê em meio a pedidos de renúncia. **BBC News**, 13 jan. 2022.

Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59989666>. Acesso em: 27 fev. 2022.

CAUR, J. Velhas práticas no mundo contemporâneo: como a pandemia arrisca mudar as relações internacionais. **Revista Petrel**, v.2, n. 3, 2020. Disponível em: <http://petrel.unb.br/destaques/83-petrel-boletim-de-conjuntura-v-2-n-3-mai-2020>. Acesso em: 01 mar. 2022.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **1918 Pandemic**. 20 mar. 2020. Disponível em:

<https://www.cdc.gov/flu/pandemic-resources/1918-pandemic-h1n1.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.

CHANG, R.; TAM, F. Methodology: Inside Bloomberg's Covid Resilience Ranking.

Bloomberg, 24 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-11-24/inside-bloomberg-s-covid-resilience-ranking>. Acesso em: 27 fev. 2022.

CIDADE chinesa de Wuhan, epicentro do coronavírus, é isolada e tem transporte público, trens e voos cancelados. **G1**, 22 jan.

2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/22/cidade-chinesa-de-wuhan-epicentro-do-coronavirus-e-isolada-e-tem-transporte-publico-trens-e-voos-cancelados.ghtml>. Acesso em: 01 mar. 2022.

COTA, I. América Latina se divide em dois ritmos de recuperação econômica. **El País**, 25 set. 2021. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/economia/2021-09-25/america-latina-se-divide-em-dois-ritmos-de-recuperacao-economica.html>. Acesso em: 25 fev. 2022.

COVID vaccines: Widening inequality and millions vulnerable. UN News, 19 set. 2021.

Disponível em:

<https://news.un.org/en/story/2021/09/1100192>. Acesso em: 01 mar. 2020.

DOOLEY, M; KHARAS, H. Long-run impacts of COVID-19 on extreme poverty.

Brookings. 2 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.brookings.edu/blog/future-development/2021/06/02/long-run-impacts-of-covid-19-on-extreme-poverty/>. Acesso em: 1 mar. 2022.

FERNANDES, D. Covid-19 expõe dependência de itens de saúde fabricados na China. **BBC Brasil**, 10 mai. 2020. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52465757>. Acesso em: 01 mar. 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [FIOCRUZ]. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia**. [2020?].

Disponível em:

<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 25 fev. 2022.

GALLOTTI, R. *et al.* **Assessing the risks of 'infodemics' in response to COVID-19 epidemics**. *Nature Human Behavior*,



<https://doi.org/10.1038/s41562-020-00994-6>,
v. 4, 4 dez. 2020.

GLOBAL SOFT POWER INDEX. [S. l.]:
Brand Finance, 2021. Disponível em:
<https://brandirectory.com/globalsoftpower/download/brand-finance-global-soft-power-index-2021.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2022.

HUANG, Y.. The COVID-19 Pandemic and China's Global Health Leadership. **Council on Foreign Relations**, Feb 2022. Disponível em: <https://www.cfr.org/report/covid-19-pandemic-and-chinas-global-health-leadership>. Acesso em: 02 mar. 2022.

JACKSON, J.K., et al. Global Economic Effects of COVID-19. **Congressional Research Service**, 10. nov. 2021. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/row/R46270.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2022.

LAKNER, C; MAHLER, D; YONZAN, N. Is COVID-19 increasing global inequality? **World Bank Blogs**. 7 out. 2021. Disponível em:
<https://blogs.worldbank.org/opendata/covid-19-increasing-global-inequality>. Acesso em: 1 mar. 2022.

LEVY, P. M.; FERREIRA, S. F.; MARTINS, F. S. Impactos da pandemia sobre os resultados recentes das contas públicas. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: **Carta de Conjuntura**, n. 50, Nota 13, 12 fev. 2021. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/02/impactos-da-pandemia-sobre-os-resultados-recentes-das-contas-publicas/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

LISTER, T.; SHUKLA, S.; BOBILLE, F. Pandemia de coronavírus desencadeia disputa global por máscaras de proteção. **CNN Brasil**, 05 abr. 2020. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/pandemia-de-coronavirus-desencadeia-disputa-global-por-mascaras-de-protecao/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

MACLEAN, R; MARKS, S. 10 African Countries Have No Ventilators. That's Only Part of the Problem. **The New York Times**. 18 abr. 2020. Disponível em:
<https://www.nytimes.com/2020/04/18/world/africa/africa-coronavirus-ventilators.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.

MARTINELLI, Y. Perigos das zoonoses: crise climática, destruição do meio-ambiente e saúde humana. **Revista Petrel**, v. 3, n. 5, 2021. Disponível em:
<http://petrel.unb.br/destaques/135-revista-petrel-v-3-n-5-mai-2021>. Acesso em: 01 mar. 2022.

NATIONAL INSTITUTE OF ALLERGY AND INFECTIOUS DISEASES (NIH). **COVID-19, MERS & SARS**. 20 OUT. 2021. Disponível em:
<https://www.niaid.nih.gov/diseases-conditions/covid-19>. Acesso em: 01 mar. 2022.

NUKI, P. Coronavirus: Bill Gates calls for global agreements on masks, treatments and vaccines. **The Telegraph**, 12 abr. 2020. Disponível em:
<https://www.telegraph.co.uk/global-health/science-and-disease/coronavirus-bill-gates-calls-global-agreements-masks-treatments/> Acesso em 02 mar 2022.

ONU pede a países para combater notícias falsas e desinformação sobre Covid-19. **ONU News**, 23 set. 2020. Disponível em:
<https://news.un.org/pt/story/2020/09/1727222>. Acesso em: 27 fev. 2022.

Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS]. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. [S. l.], 2020. Disponível em:
https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16. Acesso em: 26 fev. 2022.



OUR WORLD IN DATA. **Coronavirus (COVID-19) Vaccinations**. [S. l.], 2022.

Disponível em:

https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=OWID_WRL. Acesso em: 27 fev. 2022.

SEVILLANO, E. Falta de máscaras e respiradores traz tensão aos hospitais espanhóis. **EL PAÍS**, 13 mar. 2020.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-13/falta-de-mascaras-e-respiradores-traz-tensao-aos-hospitais-espanhois.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.

TIENGO, R. Conteúdo falso antivacina cresce 131% em rede social com início da imunização contra Covid, aponta projeto ligado à USP. **G1**. [S. l.], 26 fev. 2021.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2021/02/26/conteudo-falso-anti-vacina-cresce-131percent-em-rede-social-com-inicio-da-imunizacao-contr-covid-aponta-projeto-ligado-a-usp.ghtml>. Acesso em: 26 fev. 2022.

TOD, K. Public warned as fake news, misinformation, conspiracy theories threaten Covid-19 response. **RNZ**, 10 set. 2020.

Disponível em:

<https://www.rnz.co.nz/news/national/425760/public-warned-as-fake-news-misinformation-conspiracy-theories-threaten-covid-19-response>. Acesso em: 27 fev. 2022.

UNCTAD: impacto econômico da pandemia deve permanecer mesmo após vacina. **ONU News**, 19 nov. 2020. Disponível em:

<https://news.un.org/pt/story/2020/11/1733502>. Acesso em: 25 fev. 2022.

VIEIRA, A. G. Bolsonaro tem pior aprovação desde início do governo, aponta pesquisa Ipespe. **Valor**, 27 jan. 2022. Disponível em :

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/01/27/bolsonaro-tem-pior-aprovacao-desde-inicio-do-governo-aponta-pesquisa-ipespe.ghtml>.

[1/27/bolsonaro-tem-pior-aprovacao-desde-inicio-do-governo-aponta-pesquisa-ipespe.ghtml](https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/01/27/bolsonaro-tem-pior-aprovacao-desde-inicio-do-governo-aponta-pesquisa-ipespe.ghtml). Acesso em: 27 fev. 2022.

VITALI, A. Estados Unidos: A resistência à vacinação na era da pós-verdade. **Revista Petrel**, v.3, n.6, 2021. Disponível em: <http://petrel.unb.br/destaques/148-revista-petrel-v-3-n-6-out-2021>. Acesso em: 01 mar. 2022.

WEBER, C. Trump administration uses wartime powers to be first in line on medical supplies. **KNH**. 3 abr. 2020. Disponível em: <https://khn.org/news/trump-administration-uses-wartime-powers-to-be-first-in-line-on-medical-supplies-ppe>. Acesso em: 02 mar. 2022.

WORLD BANK. **GDP growth (annual %)**. 2020. Disponível em:

<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>. Acesso em: 25 fev. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV)**. 30 jan. 2020a. Disponível em: [https://www.who.int/news/item/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news/item/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)). Acesso em: 01 mar. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020**. 11 mar. 2020b.

Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020#:~:text=WHO%20has%20been%20asses>



[sing%20this,to%20use%20lightly%20or%20carelessly](#). Acesso em: 01 mar. 2022.

XU, Z.; LIU, K.; GAO, G. Omicron variant of SARS-CoV-2 imposes a new challenge for the global public health. **Biosafety and Health**, 19 jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bsheat.2022.01.002>.

YAM, Kimmy. Anti-Asian hate crimes increased 339 percent nationwide last year, report says. **NBC news**, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/asian-america/anti-asian-hate-crimes-increased-339-percent-nationwide-last-year-repo-rcna14282>. Acesso em 02 mai. 2022.